



SOCIOSSEMIÓTICA, SEMIÓTICA DAS CULTURAS, SEMÂNTICA COGNITIVA:
RELAÇÕES
(SOCIO-SEMIOTICS, SEMIOTIC OF CULTURES, COGNITIVE SEMANTIC:
RELATIONS)

Cidmar Teodoro PAIS (Universidade de São Paulo)
Ricardo Baptista MADEIRA (Universidade São Judas)
Elizabeth Aparecida Damasceno e SOUZA (FFCL de Itapetininga)
Ida KAPLANAS (Universidade Braz Cubas)

ABSTRACT: This papers studies some aspects of the generative path, the processes of enunciation of codification and decodification, of basic processes of cognition and semiosis, of structures at the conceptual level, and of conditions for discursive production. It also deals with relationships between Cognitive Semantics, Socio-Semiotics and Semiotic of Cultures.

KEYWORDS: *Culture; Cognitive Semantics; Semiotics; Socio-Semiotics.*

0. Introdução

Este trabalho propôs-se a estudar aspectos dos modelos e das relações que se estabelecem entre o processo da cognição, o percurso gerativo da enunciação de codificação e de decodificação - do fazer persuasivo ao fazer interpretativo -, os processos básicos da cognição, entendida como construção do saber sobre o 'mundo' - *episteme* - e a semiose, enquanto produção da significação - das funções semióticas e metassemióticas *lato sensu* -, as estruturas do nível conceitual, *conceptus*, 'modelos mentais', e recortes culturais - *designata* - que aos primeiros dialeticamente se articulam; examinou, ainda, as condições da produção discursiva e algumas relações epistemológicas e metodológicas entre a semântica cognitiva, a sociossemiótica e a semiótica das culturas, bem como perspectivas da cooperação multidisciplinar.

1. A inteligência humana e a formação da subjetividade através dos discursos

A subjetividade discursiva, enquanto enunciativa ou enunciatária de discursos, estrutura-se com base na sua própria capacidade de criação e de captação dos diversos níveis de implícitos (pressupostos ou subentendidos) elaboráveis nas mais diferentes situações de diálogo. A competência de reconhecimento dos contextos de significação próprios a enunciadores e enunciatários discursivos também detém importância considerável no desenvolvimento da personalidade egóica. Onde não exista o estímulo ao desenvolvimento das capacidades latentes de criação ou de interpretação discursivas, próprias a enunciadores e enunciatários discursivos os mais diversos, não haverá um desenvolvimento satisfatório da subjetividade e da inteligência (sob todos os seus matizes), nos níveis do que se possa denominar de socialmente aceitável.



Um desenvolvimento adequado da personalidade egóica, da subjetividade ou da inteligência humana, quer nos parecer, só se consegue se na alternância dos papéis sociais de enunciador e enunciatário de discursos, com os necessários estímulos para que se ampliem as capacidades inatas de criação e interpretação discursivas (psicofísicas), contemplem a necessidade não menos considerável de se abarcar os contextos de significação do outro (do “não-eu”), de modo a compreendê-lo numa dimensão mais ampla e que supere, via de regra, o habitual. Essa predisposição para valorizar os referentes culturais, os valores e as experiências do outro, enfim, o contexto de significação discursiva desse outro, levando-o sempre em conta ao se construir ou ao se interpretar um discurso (verbal ou não), também contribui - e muito - para determinar um desenvolvimento satisfatório da personalidade egóica, podendo-se até se ampliar, dessa forma, os quadros tradicionais em que se situa via de regra a própria inteligência.

Os critérios de satisfatoriedade variam conforme a cultura, o meio social, a época, os valores, etc. Infelizmente, não cabe um critério como o da lógica matemática, segundo a qual satisfatória é toda proposição ou toda frase lingüística que corresponda à verdade, num sistema metalingüístico de maior amplitude que a linguagem operacional adotada. Os critérios de satisfatoriedade teriam um referencial à altura se se buscasse verificar o que conduziria ou não à um bem social da maior abrangência possível.

A subjetividade bem desenvolvida, como se depreende da análise sucinta aqui apresentada, implica a capacidade de se pensar o mundo e as coisas sobre as quais falamos ou fazemos, com o olhar do outro, de modo a termos dessas mesmas coisas um domínio e uma compreensão maiores, legitimados e otimizados pela observação do mundo à luz do olhar do outro, como elemento conformador da nossa realidade interna, segundo a fenomenologia da identificação. Assim como nos exercícios físicos, o hábito e o esforço constante de superação dos limites a que nos sujeitamos ordinariamente podem operar milagres de desenvolvimento, nos limites da inteligência humana.

O “olhar as coisas”, com os olhos do outro, mais do que o identificar-se com a maneira específica de como o outro atua ou “discursiva” no seu contexto particular, resume uma postura mais madura, uma outra etapa na formação da subjetividade, no desenvolvimento da inteligibilidade ou da própria inteligência humana, possível de ser alcançada, a partir de participações concretas e de análises de particulares processos de comunicação, de esforços reiterados de empregar, por exemplo, o descoberto aqui, metodicamente. O bom enunciador discursivo, ou seja, o que melhor constrói os seus discursos é aquele que mais conhece o contexto de significação de seu enunciatário potencial, é quem melhor se apresenta enquanto realizador de discursos compreensíveis, assimiláveis por seu público. O bom enunciador é aquele que sabe pensar o mundo, com os valores e o “olhar” de seus interlocutores, quesito que só se obtém pela prática constante de valorizar os discursos do outro, para chegar à compreensão de seus contextos de significação, de suas reais necessidades enquanto co-construtores de práticas discursivas ou cidadãos do mundo. Assim, o bom enunciador discursivo não é uma personalidade egoísta e egocêntrica mas um indivíduo aberto às necessidades do interlocutor, capaz de pensar o mundo sob a sua ótica, embora preserve o direito de estatuir as suas próprias análises, cogitações e conseqüências.

2. Do metassistema conceptual, dos léxicos, da produtividade discursiva



Investigam-se, aqui, as relações entre o processo de construção e reconstrução do 'saber sobre o mundo', *episteme*, efetuado pelo *sujeito cognitivo*, e o processo de elaboração e reelaboração de um *mundo semioticamente construído* (Pais, 1998), pelo *sujeito enunciador/enunciatário* (Courtès, 1991) do discurso. Consideraram-se o percurso gerativo da enunciação de codificação e decodificação, seus níveis de estruturação e transformações, examinando de que modo neles se articulam o *fazer cognitivo* e o *fazer discursivo*. Trata-se de domínio multidisciplinar, de que decorre a exigência de cooperação intensa entre ciências e domínios como a lingüística, a semântica cognitiva, a semiótica, a antropologia, a sociologia, a história, a filosofia da linguagem, as lógicas, as ciências da comunicação, a pesquisa da inteligência artificial.

Em nossa concepção o percurso gerativo da enunciação de codificação, vai da percepção biológica, culturalmente filtrada, e da análise da experiência até a sua manifestação em discurso e, inversamente, o percurso gerativo da enunciação de decodificação, reconstrução teórica do lingüista e do semioticista, vai dos textos manifestados, únicos objetos diretamente observáveis, à reconstrução da experiência. O percurso gerativo da enunciação de codificação e de decodificação, compreende, assim, os patamares de *percepção*, *conceptualização*, *semiologização*, *semiotização* - que inclui a lexemização e a atualização - chegando à *semiose* em discurso, quanto ao *fazer persuasivo*; os patamares de *percepção* (do texto), *reconhecimento* da semiótica-objeto, *re-semiotização*, *ressemiologização* e *reconceptualização*, quanto ao *fazer interpretativo*, a reconstrução, pelo sujeito enunciatário, de uma análise da experiência e conseqüente realimentação e auto-regulagem do metassistema conceptual e dos processos semióticos dele dependentes. (Pais, 1998).

A *compatibilidade* dos recortes culturais, a *coerência* ideológica e a própria *possibilidade* das *transcodificações* exigem postular teoricamente uma instância, imediatamente subsequente à percepção biológica e, portanto, *pré-semiótica*, entendida como etapa logicamente necessária, e *trans-semiótica*, no sentido de sua disponibilidade, para ser tratada, em seguida, por qualquer semiótica-objeto: o nível do *metassistema conceptual*, da *conceptualização*, das *estruturas hiperprofundas* (Pais, 1998). Nesse nível, são produzidos recortes culturais, destacados do *continuum* dos dados da experiência, como objetos, processos e atributos de objetos ou de processos, e analisados, a seu turno, em traços semânticos conceptuais, os *noemas*, objeto da noêmica (Pottier, 1992). Uma rede de relações se estabelece, pois, entre os recortes culturais, os *designata* do mundo 'referencial', e os conjuntos noêmicos, entendidos como *designationes* potenciais, como matrizes sígnicas pré-semióticas e trans-semióticas, correspondentes aos *conceptus*, 'modelos mentais', da semântica cognitiva (Rastier, 1991: 73-114). De maneira geral, a cada *conceptus*, enquanto 'modelo mental', relacionam-se um ou vários conceitos, numa língua natural.

Entretanto, na passagem do patamar da percepção ao da conceptualização, cumpre distinguir três estágios de atributos semânticos: as *latências*, entendidas como atributos semânticos possíveis dos 'objetos' e 'processos' da semiótica natural; as *saliências*, como atributos que se destacam, na estrutura, funcionamento e hierarquia dos 'fatos naturais' ("o perceber"); as *pregnâncias*, ("o conceber"), como o resultado da atividade do homem, das *escolhas* que faz na *apreensão* daqueles 'fatos' (Pottier, 1992: 61-69; Pais, 1998). Nessa perspectiva, o *protótipo* (Dubois, 1991) deve ser considerado como núcleo noêmico, ou núcleo sêmico conceptual. A ele correspondem um ou vários

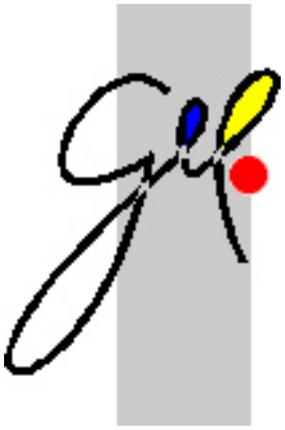


conceptus que o contém, numa relação de inclusão. O *conceptus*, ou ‘modelo mental’, constitui, assim, um conjunto noêmico expandido, conjunto sêmico conceptual, resultante de uma *escolha* do sujeito individual e/ou coletivo. Articulam-se dialeticamente *conceptus* e recortes culturais, ou *designata*, que funcionam como ‘referentes’, ‘objetos do mundo’ semioticamente construído de uma cultura e sociedade.

Parece-nos indispensável formular a hipótese de que todo metassistema conceptual compreende, dois níveis e três tipos de elementos. Os processos mentais, na *atividade cognitiva do homem*, os mecanismos de produção dos recortes culturais, de constituição dos ‘modelos mentais’, dos *conceptus*, os mecanismos de seleção, de mudança e de fixação dos atributos semânticos, do estabelecimento e da transformação das relações entre tais formações e de sua conversão semiótica (através do percurso gerativo) são próprios ao homem, enquanto espécie biológica e, nesse sentido, universais; nesse primeiro nível, o mais profundo, situam-se elementos e estruturas que integram a aptidão semiótica geral do homem - denominadores comuns de todas as culturas e sociedades -, que definem os universais semântico-sintáticos da linguagem e da significação, que dirigem os processos de construção dos ‘modelos mentais’, as *operações cognitivas*. A universalidade desses processos e mecanismos assegura a possibilidade de transcódificações entre metassistemas conceptuais distintos e, *ipso facto*, entre semióticas-objeto de culturas e de macrossemióticas diversas. Em contrapartida, no segundo nível do metassistema conceptual, ainda pertencente às estruturas hiperprofundas mas subordinado ao primeiro e, portanto, menos profundo, é preciso situar três tipos de *conceptus* construídos, que constituem conjuntos ordenados de noemas, bem definidos - o ‘léxico-conceptual’: a) os específicos de uma cultura, característicos desta e disponíveis para todas as semióticas-objeto de uma macrossemiótica, resultantes do *processo histórico da cultura*; b) os *metaconceptus*, a que se acrescentam traços semântico-conceptuais, de caráter eminentemente ideológico, manipulatórios (Barbosa, 1999); c) os *arquiconceptus*, subconjuntos dos primeiros, constituídos de traços semântico-conceptuais situados na intersecção entre vários *conceptus* e recortes de línguas e culturas, multilingüísticos, multiculturais (Thoiron, 1996).

Trata-se, pois, de uma construção cultural e histórica, específica de uma macrossemiótica, ou resultante de interferências de outras macrossemióticas. Ainda nesse nível, situa-se uma ‘sintaxe-semântica’ conceptual, encarregada da produção dos *complexos conceptuais*, seqüências sintagmaticamente ordenadas de *conceptus*, suscetíveis de ser manifestados como enunciados, enquanto análise de determinada experiência, nos textos produzidos por uma semiótica-objeto. Os complexos conceptuais distinguem-se por dois tipos de relações básicas de *atribuição*, a *atribuição de atributos* - relações de equivalência, de inclusão, de pertinência - e a *atribuição de processos*. No caso das línguas naturais e seus discursos, torna-se possível explicar, de maneira mais precisa, não só as relações de significação, intrasemióticas, como também as relações léxico-semântico conceptuais.

Os *metassistemas conceptuais* assim construídos, em sua dinâmica, funcionam como *instância pré-semiótica e trans-semiótica*, assegurando a citada coerência dos recortes culturais e a compatibilidade ideológica intracultural e intra-macrossemiótica, sustentadas em discurso. Assim, os *conceptus*, enquanto matrizes sígnicas, são disponíveis para o *engendramento* de funções semióticas e funções metasemióticas, em



todos os sistemas semióticos e discursos dependentes do mesmo metassistema conceptual. Sua conversão em significações se dá no percurso gerativo próprio a cada processo semiótico. Nas línguas naturais, autorizam o engendramento/recuperação das unidades lexicais: lexemas, no sistema; vocábulos, nas normas.

O *processo discursivo*, sabe-se, é o *único lugar possível da semiose*, seja da produção de significação e informação novas, seja da reiteração de significação e informação preexistentes. Num discurso, as funções semióticas e metassemióticas *lato sensu* têm um valor de comunicação exclusivo desse discurso. O discurso lingüístico e o das semióticas não-verbais co-ocorrentes, como a gestualidade, assim como os discursos complexos das semióticas sincréticas determinam tratamentos em paralelo e *processos de semiose concomitantes, transcódificações simultâneas*, possibilitadas justamente pelo metassistema conceptual subjacente. Resulta dessa produção significativa e informacional, através do percurso gerativo da enunciação de decodificação, a autorregulação e realimentação do metassistema conceptual e de todas as semióticas-objeto dele dependentes. Por certo, o mecanismo é mais complexo, nos processos discursivos em que se dão transcódificações entre semióticas-objeto pertencentes a diferentes macrossemióticas, dependentes de metassistemas conceptuais distintos.

As *significações* e os *recortes culturais* produzidos determinam a configuração de um *mundo semioticamente construído*. As significações só podem existir no interior de uma semiótica-objeto, no âmbito da macrossemiótica; não são transcódificáveis; a *informação de conteúdo*, ao contrário, fundamentada nos *recortes culturais*, é *suscetível de transcódificação*, não só de uma semiótica-objeto a outra, como também de uma macrossemiótica a outra, ainda que haja filtragem e certa perda de informação potencial. Por isso, entendemos que os *conceptus*, para o pesquisador, como para os sujeitos semióticos enunciatários das semióticas-objeto verbais, não-verbais e sincréticas, constituem *critérios* e *parâmetros* que permitem *avaliar* a qualidade e a quantidade de informação produzida, o instrumento, para *estabelecer relações* entre unidades do léxico das línguas naturais, unidades das metalinguagens construídas a partir daquelas, significações, recortes culturais que são encarregadas de representar, entre *designationes* e *designata* e, ainda, para *julgar* as equivalências postas e a precisão relativa das transcódificações.

3. Da constituição simbólica do discurso: processos, tendências e movimentos.

Tecemos, aqui, considerações epistemológicas sobre a complexidade da produção de metáforas-raízes, clichês e palavras-chave em uso na sociedade atual, em situação e contexto, como aspectos favoráveis à constituição e ao exercício de processos de interação sócio-histórica entre competências modais e actanciais.

Da racionalização de processos de mudanças sofridas ou em curso, em que necessidades e demandas postas em ação são implementadas, segundo um conjunto de rituais, técnicas e práticas de gerenciamento de impressão e de manipulação de imagens em circulação no espaço social, emerge um novo tipo ideal de construção da experiência humana contemporânea. Nesse espaço, desenvolvem-se valores e significações, pela assunção de novas tendências e estilos, em relação a normas institucionalizadas, noções e desvios de parâmetros já aceitos ou partilhados, de modo que o papel de coordenação e controle próprios de uma estrutura formal seja substituído, por conta da manipulação



cultural, ou pela ritualização de eventos em série, procedimentos que visam ao comprometimento social com processos e líderes de mudança.

Significações são (com)partilhadas em favor de nova ordem, (re)forçada pela transformação do sistema de valores e crenças em novos sistemas interpretativos, supervalorização de tudo e de todos, desde que relacionados a uma nova ordem social e cultural. Nesse espaço social, editam-se novos eventos, como sistema de controle, a fim de que conflitos de idéias sejam transmitidos e apropriados, para a resolução de problemas, em fronteiras aceitáveis de atuação, face à dinâmica de discursos-concretos caracterizados por objetividade e simplicidade no trato da vigente complexidade e ambigüidade propaladas em *slogans*, metáforas-raízes, geradoras de narrativas, e palavras de ordem (Landowski, 1992).

Construções sintáxico-semânticas permitem, assim, que sujeitos exercitem a própria capacidade de interação, pela manipulação de um poder-fazer-fazer. Actantes dotados de competências modais e papéis temáticos específicos, viabilizam esquemas e tipos, relacionados como ideais, constituintes de dinâmica complexa. A realidade não mais se apresenta como fator dominante, permitindo que a não-realidade, pseudo-evento, possa ser assumida como fator dominante, constructo de novo tipo ideal na elaboração da experiência, numa era de permanente e intensiva construção simbólica.

Emerge uma nova gramática, na busca de uniformidade, falseada, por meio da implantação de processos de intervenção cultural difundidos, respostas a um controle cultural, ambivalentes. No lugar de realidades, são difundidas imagens: fatos geram notícias, que se transformam e preenchem a existência. Pseudo-eventos se apresentam mais atraentes que eventos espontâneos, levando à perda da noção de originalidade. O sujeito social e historicamente determinado é ator ou audiência, pela fidedignidade à imagem e acumulação de espetáculos. Liderança, comunicação, inovação, força de trabalho, redefinidos como fluxo de valor(es) agregado(s), são palavras-chave, metáforas-raízes, senso crítico desarmado, que transformam em produtos de promoção e de vendagem o objeto, apresentando sob diferentes abordagens, modelos e funções, subsumidos como elementos do processo de sedução e persuasão, em jogos gerenciais, definidos por exercícios de controle de significação, manipulados simbolicamente.

O motor do processo de mudança e legitimação do sistema semiótico tem por operadores líderes e agentes da mudança, aparelhos ideológicos, que, no desempenho de funções e papéis de apoio, são implementados, legitimados pelos atores do processo inovador. Auxiliados por ampla rede de programas narrativos correlacionados e coocorrentes, estabelecem-se pela competição de atenção e mobilização de objetos institucionais: inovação freqüente, fé grande, ação dramática compensatória. E sob astúcia de gerenciamento da impressão, eventos apresentam-se redimensionados pela lógica de recursos e fluxos de valor, conduzidos a uma nova arquitetura, orientada por modelo distributivo de parceiros, redes e relações várias, aplicado à gestão por processo.

O conhecimento da importância de papéis sociais pelos desafios à complexidade e hierarquização de processos, flexibilização e ajustes das transformações de processos menos freqüentes; redefinição e redesenho do conjunto de noções sob a ordenação e configuração complexa tenderiam a figurativizar diferentes objetos de valor, para a construção do tecido discursivo, em que múltiplas competências modais e actancias funcionariam. Projetos de ação e interação, guinadas de saber são implementados no quadro das relações possíveis em mundo incorporado, sensibilizado e



interpretado, com o objetivo da (re)atualização, da polarização discurso individual/coletivo, para a manifestação de outra(s) possibilidade(s) noética(s) original(is).

4. Interação e intersubjetividade num micro-universo de discurso social e oficial: uma leitura semiótica

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998) têm por objetivo criar condições nas escolas, para que se discutam formas de garantir, a toda criança ou jovem brasileiro, o acesso ao conjunto de conhecimentos socialmente elaborados e reconhecidos como necessários para o exercício da cidadania. No plano cognitivo, constituem-se, como todo projeto, num conjunto de programações, de realizações e de avaliações, além de “representar” um contrato enunciativo sob a forma de parceria tácita, modalizado pela possibilidade (*não dever não ser*). “Aos Professores”, texto aqui examinado encabeça a apresentação dos PCNs e vem assinada pelo Ministro da Educação e do Desporto, Prof. Paulo Renato Souza. Inicialmente chamou-nos a atenção o formato da comunicação. Seria uma carta? Uma carta de intenções? Uma convocação? Disposição de estabelecer um pacto entre interlocutores? Ou seria um contrato unilateral?

Essa análise retringe-se ao fazer persuasivo do ator-delegado Ministro da Educação, que atua, alternadamente, como destinador-julgador na busca da adesão dos atores sociais adjuvantes, professores, educadores em geral e segmentos da sociedade civil, pressupondo-se uma prática cooperativa e solidária, além de uma relação de confiança e respeito mútuo entre professores, alunos e comunidade. Na verdade, temos aí uma rede de relações determinadas por e determinantes de uma organização contratual de intersubjetividade, mesmo porque, o actante ministro, enquanto sujeito de um *fazer*, estabelece relações contratuais com o destinador manipulador/ julgador Presidente da República, que poderá sancioná-lo negativamente por motivo de falta de lealdade para com ele. A sanção negativa pode se manifestar pela demissão do ministro, a exemplo do recente episódio ocorrido com o ex-presidente da FUNAI. A sanção positiva manifesta-se na permanência do ministro em seu cargo.

No texto apresentado na Reunião Internacional de Especialistas das Ciências Sociais e Humanas realizadas na UNESCO, de 14 a 18 de dezembro de 1987, “Nouveaux développements dans les sciences du langage”, GREIMAS (1995:121) ressalta a pertinência de uma abordagem discursiva nas ciências da linguagem, ao mesmo tempo em que chama a atenção para “o problema da enunciação como ato produtor do discurso, e do dizer como uma atividade tanto individual como social entre as mais importantes. A linguagem como significação aparece então como uma atividade de comunicação.” Ainda segundo o autor, “o interesse da lingüística desloca-se do discurso –objeto analisável em si para o sujeito como ator e os outros participantes do discurso, como seus co-respondentes. As contribuições de Austin e Benveniste põem em evidência o papel considerável desempenhado pelos participantes da comunicação.” (Id., *ibid.*).

“Uma tal atitude epistemológica”, como diz o autor, traz, no seu bojo, a problemática complexa da competência modal dos sujeitos em situação de comunicação, e também a comunicação como lugar da manipulação persuasiva, argumentativa ou interpretativa, ao mesmo tempo em que enseja reflexões sobre interação e intersubjetividade na concepção semiótica da narratividade, “centrada na estrutura polêmico-contratual intersubjetiva, dando conta ao mesmo tempo das



interações dos sujeitos no interior dos discursos-objeto programados e da atividade da linguagem intercomunicacional.” (Id., *ibid.*).

A atualidade e a relevância de tais reflexões justificam a nossa opção por uma leitura semiótica, à luz da sociosemiótica, do texto-objeto “Aos professores”, micro-universo de discurso político-educacional e administrativo, um discurso social oficial, com ênfase na organização contratual da intersubjetividade.

5. Conclusão

Verificamos, pois, que o *poder-fazer-saber* do *sujeito cognitivo* só pode realizar-se através de um *poder-saber-fazer* do *sujeito enunciator-enunciatário* do discurso, que, manifestando-se, conduz à realimentação e à regulação do metassistema conceptual e dos processos semióticos dele dependentes. *O sujeito cognitivo e o sujeito semiótico produzem um saber sobre o ‘mundo’ e sobre si mesmos e são simultaneamente produzidos num processo, em que são determinantes a racionalidade, a sensibilidade, a intuição, a afetividade e a historicidade.*

RESUMO: *Este trabalho estuda alguns aspectos do percurso gerativo da enunciação de codificação e de decodificação, dos processos básicos da cognição e da semiose, das estruturas do nível conceptual, das condições da produção discursiva, de relações entre a semântica cognitiva, a sociosemiótica e a semiótica das culturas.*

PALAVRAS-CHAVE: *Cultura; Semântica Cognitiva; Semiótica; Sociosemiótica.*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARBOSA, Maria Aparecida. Campo conceitual e campo lexical dos termos globalização e mundialização: relações”. *Revista brasileira de lingüística*, v. 10, n. 1, São Paulo: p. 29-52, 1999.
- COURTÉS, Joseph. *Analyse sémiotique du discours. De l'énoncé à l'énonciation*. Paris: Hachette, 1991.
- DUBOIS, Danielle *et al.* *Sémantique et cognition. Catégories, prototypes, typicalité*. Paris: CNRS, 1991.
- GREIMAS, Algirdas Julien. Novos desenvolvimentos nas ciências da linguagem. OLIVEIRA, Ana Cláudia e LANDOWSKI, Eric (Eds). *Do Inteligível ao Sensível: Em Torno da Obra de Algirdas Julien Greimas*. São Paulo: Educ, 1995.
- LANDOWSKI, Eric. *A sociedade refletida – ensaios de sociosemiótica*, São Paulo: EDUC/Pontes, 1992.
- PAIS, Cidmar Teodoro. Conceptualisation, dénomination, désignation, référence. Réflexions à propos de l'énonciation et du savoir sur le monde. *Hommage à Simone Saillard. Textures. Cahiers du Centre d'Études Méditerranéennes et Ibéro-Américaines*. Lyon, n. spécial, p. 371-384, 1998.
- POTTIER, Bernard. *Sémantique générale*. Paris: PUF, 1992.
- RASTIER, François. *Sémantique et recherches cognitives*. Paris: PUF, 1991.
- THOIRON, Phillippe. *et al.* Notion d' "archi-concept" et dénomination. *Meta. Journal des Traducteurs*. Montréal: v. 41, n. 4, p. 512-523, dezembro de 1996.